

**FIGUEIREDO, Isabela. *A Gorda*. Lisboa:
Caminho, 2017. 285p.**

Simão Valente

Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa

Universidade de Lisboa, Lisboa / Portugal

mb2@campus.ul.pt

Recebido em 7 de novembro de 2017

Aprovado em 9 de janeiro de 2018

Isabela Figueiredo tem vindo a revelar-se um caso singular no panorama literário português, especificamente pelo tratamento dado ao passado colonial português em África. Deu-se a conhecer ao grande público via *internet*, através do seu blogue Mundo Perfeito, em que revisitava as suas memórias da infância em Moçambique e do processo da descolonização de África, no pós 25 de abril de 1974, pelo qual a sua família passou. Foi a partir dos textos e fotografias que compunham essa colectânea que veio a surgir o seu primeiro livro, *Caderno de Memórias Coloniais*, em 2009. Isabela veio para chocar: sem idealizações, o seu exórdio é uma denúncia das práticas racistas dos colonos brancos portugueses em Moçambique, deixando contudo margem de manobra para as ambiguidades morais e emocionais de quem conta a sua história. Tal está particularmente presente na caracterização do pai da autora, colono, racista, e apesar de tudo objecto dos afectos da sua filha que com este livro ajustou contas com o passado.

A Gorda é o segundo livro da autora. Narra a história de Maria Luísa, contada na primeira pessoa, uma mulher que quase toda a sua vida foi a “gorda” do título, realçando o texto o papel da aparência física

de Maria Luísa na construção das suas relações com família, amigos, amantes, ou meros desconhecidos com quem interage no seu dia-a-dia. A narrativa principia num momento de transição para a protagonista: “Quarenta quilos é muito peso. Foram os que perdi após a gastrectomia: era um segundo corpo que transportava comigo.” (p. 19). Poucas linhas à frente é referida a morte da mãe de Maria Luísa, alguns meses depois da intervenção cirúrgica que viria a mudar a vida da narradora. *Oincipit* contém já uma das características fundamentais da obra: a importância dada ao corpo, e por conseguinte do espaço em que este está inserido. A narrativa encontra-se organizada segundo as divisões de uma casa, cozinha, sala, quarto, e assim por diante. O primeiro capítulo intitula-se “Porta de Entrada”, concluindo com uma referência à casa herdada por Maria Luísa com a morte da mãe. Esta casa, de importância central para a ligação afectiva da protagonista com os seus pais, “A casa que herdei dos papás” (p. 26), é a própria estrutura do livro.

Há assim em *A Gorda* dois corpos de Maria Luísa, o seu e aquele que transportava consigo, os quais se movem por duas casas, a de Maria Luísa e a que organiza a sua história. São esses quilos do segundo corpo, por exemplo, que medeiam a relação que a protagonista estabelece com Tony, nome pelo qual é conhecida a sua amiga Antónia do colégio interno para onde a narradora vai viver e estudar quando a sua família regressa de África. Maria Luísa venera o corpo esbelto de Tony, cujo nome masculino, associado à descrição física da personagem, dá à relação contornos homoeróticos: “Em 1978, as mamas da Tony pareciam peras pequenas em crescimento” (p. 30), “aos sábados de manhã, depois do banho, com a pele ainda morna, passava-lhe o creme hidratante pelo corpo, exceto nas mamas e nas partes de pudor genital.” (p. 32).

Anos mais tarde, em 1985, Maria Luísa conhece David, o qual é contudo mencionado pela primeira vez em paralelo com Tony, num capítulo intitulado “Quarto de solteira”. David será o homem com quem a protagonista terá a sua relação mais marcante. A justaposição de Tony e David num capítulo com o título em questão é reveladora de quanto a história em causa é o relato de uma educação erótica e sentimental. Será mais uma vez o segundo corpo da protagonista, aquilo que a faz ser “a gorda”, que virá a ter um papel decisivo na relação com David, com quem “foder era o pãozinho para a boca” (p. 148), expressão que sublinha o valor dos prazeres do corpo enquanto necessidade, ligando a sexualidade com a alimentação. Quando David rechaça Maria Luísa, contudo, fá-lo

por causa do juízo dos seus amigos sobre a aparência física da namorada, algo só confessa por veemente insistência desta: “gozam contigo porque arranjaste uma gorda, não é?! É por isso. Por ser gorda.” (p165). Note-se ainda o uso de uma linguagem direta, seca, despidorada, bem como a centralidade do ser-se mulher para a história que é narrada. Esta é uma marca que acompanha Isabela desde a sua primeira obra.

Apresentando-se enquanto “romance”, traços autobiográficos atravessam *A Gorda*: a protagonista é de uma família de “retornados”, expressão de valor frequentemente pejorativo aplicado em Portugal para designar os cerca de setecentos mil portugueses que, com a independência das colónias africanas, chegam a Portugal em 1975. Maria Luísa, como Isabela, é professora de profissão. A advertência que precede o livro incentiva a aproximação entre as duas figuras: “Todas as personagens, geografias e situações descritas nesta narrativa são mera ficção e pura realidade” (p. 15), uma frase que vai contribuir para o ambíguo cruzar entre o romanesco e o autobiográfico numa autora que, como vimos, parte na sua obra da sua experiência de vida.

Do ponto de vista formal, o uso de paratextos é uma das característica de *A Gorda* que mais chama a atenção: para além da advertência já citada, e de agradecimentos pessoais da autora (p. 10), o livro contém ainda epígrafe sonora (p. 14), em que é apresentada uma lista de canções e intérpretes, organizada cronologicamente, desde Nina Simone com *I put a Spell on You* (1965), passando pela banda portuguesa Ornatos Violeta com “Ouvi Dizer” (1999), até Lana del Rey, “Born to die” (2012). Duas páginas antes, Isabela faz uma epígrafe que podemos designar como literária: cita Mary Shelley, numa passagem em que a criatura apela a Frankenstein que ouça a sua história, apesar de só e detestada; Javier Cercas comentando William Faulkner e a durabilidade do passado, vivo no presente; e Henry David Thoreau, sobre a importância de se escrever e falar sobre aquilo que se conhece, as “experiências mais pessoais”. Todo este aparato reforça a chave de leitura autobiográfica do livro, numa continuidade dos *Cadernos*.